

JOVENS LOUQUINHOS? COM OU SEM RAZÃO?:

A EXPERIÊNCIA DA LUTA ARMADA NA ARGENTINA NAS MEMÓRIAS DE DOIS EX-MILITANTES

Gabriel Fleck de Abreu
Orientador: Benito Bisso Schmidt

FLÁVIO KOUTZII

“Não é porque nós éramos jovens louquinhos, é porque nós éramos jovens que, de alguma maneira, tínhamos um certo diagnóstico [...] com esse vício da juventude e com esta sede de... de dar novos passos na sua própria vida, e tal. Então, é... vê como é potente esse troço. [...] mas isso bateu no Brasil... já em 63, [mas] ficou muito mais nítido depois do golpe...”



La Prensa - de 22/mai/1975 - Buenos Aires

PAULO PARANAGUÁ

“Estávamos num momento de loucura política, [...] que não dá pra justificar, é porque, bom, em volta da gente teve gente que morreu, teve gente que pagou um preço muito alto, inclusive prisão. [...] Você, se furtar a sua própria responsabilidade nesse momento, eu acho que com tudo que aconteceu, é uma pouca vergonha, (pausa) uma pouca vergonha [...] Tem dirigente Montonero que eu vi [...] que falavam “que nós tínhamos calculado que íamos ter cinco mil mortos”, diz assim com a maior naturalidade. Essas pessoas, essas pessoas são psicopatas, são sociopatas...”

Este trabalho trata de Flávio Koutzii e Paulo Paranaguá, ex-militantes de esquerda no Brasil (no POC – Partido Operário Comunista) e na Argentina (participando da cisão do PRT– Partido Revolucionário de los Trabajadores– que dá origem à Fracción Roja) integrantes de movimento de luta armada contra as ditaduras na América Latina. Em entrevistas posteriores, a experiência da militância na Argentina foi reconstruída em análises retrospectivas que apontam grandes diferenças na forma como cada um – Flávio e Paulo – avaliam e ressignificam esta experiência. Partindo de reflexões sobre memória e sobre a metodologia de história oral, a presente proposta consiste em analisar comparativamente as formas como a experiência da Argentina aparece nas narrativas de Flávio e Paulo, considerando-as como reconstruções seletivas a partir do presente e, conseqüentemente, relacionando suas diferenças com as distintas trajetórias de cada um (anterior e posterior à militância). Assim, procura-se apontar elementos que ajudem a refletir sobre diferentes formas de se relacionar com a memória das experiências vividas e sobre as disputas de memória contemporâneas sobre a militância política e a luta armada na América Latina.

- Tanto Flávio quanto Paulo tiveram papel fundamental na cisão do PRT que levou à fundação da Fracción Roja na Argentina. Enquanto Flávio lembra do momento do racha como de um afastamento em um clima mais solene, Paulo lembra do momento como tenso, inclusive tendo eles sido condenados à morte.
- Enquanto o Flávio explica a opção pela luta armada como fruto de um contexto de lutas e de novas pautas nos anos 60 e 70, um “diagnóstico” da juventude, Paulo considera a luta armada como uma loucura irresponsável que saiu derrotada e levou as pessoas à prisão e à morte.
- As diferenças se exemplificam nas posições sobre a figura de Che Guevara: Flávio o considera um exemplo para a juventude revolucionária da época, sendo um estímulo à luta, mesmo depois de sua morte; Paulo critica o Che por ter sido derrotado em todas as suas batalhas (exceto elevar Fidel ao poder), criticando a ideia de vitória moral e encarando o fato de levar os outros à derrota e à morte como irresponsabilidade.
- As posições tão contrárias são fruto de uma mesma articulação: por um lado a inserção da experiência da luta armada em um enquadramento de memória que atualmente condena a violência e atribui valor à democracia liberal. Enquanto Paulo nega a experiência da luta armada por toda a violência que ela implica (principalmente aos militantes, mortos, presos, torturados), Flávio procura reafirmar suas escolhas justificando-as a partir de um clima, um contexto que impactou tão fortemente a ponto de ser um diagnóstico da juventude revolucionária dos anos 60 e 70.
- As duas posições surgem de um sentimento de culpa e de responsabilidade: enquanto Flávio assume essa responsabilidade procurando novas formas de se reinserir na política em uma nova conjuntura, Paulo pelo mesmo sentimento de culpa e responsabilidade, critica suas posições e escolhas naquele período, enfatizando suas conseqüências trágicas.